

+
A periferia faz
moda

Baz Dreisinger:
"Presídios são
obsoletos"

Uma missão
solitária

BeCool

Marisa
Papen



RevistaBecool



@becoolmagazine

BeCool

BeCool

SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES
TWITFEED

5 | MULHERES QUE AMAMOS
Camila Pitanga

6 | SETLIST
Pra ficar tranquilo

7 | ROTEIRO SP
Março de 2016

44 | FAZ SENTIDO?
Spoiler alert

45 | CRÔNICA
Lovely Rita

46 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | PERIFERIA FAZ MODA
Paraisópolis também é fashion

12 | DRINKS CLÁSSICOS PRA
FAZER EM CASA
É só seguir as instruções

16 | OS BENEFÍCIOS DA
ENDORFINA
Ela até combate o colesterol

20 | UMA MISSÃO SOLITÁRIA
Quem não tem Maggi, vai de
Murer

24 | ENTREVISTA
Baz Dreisinger

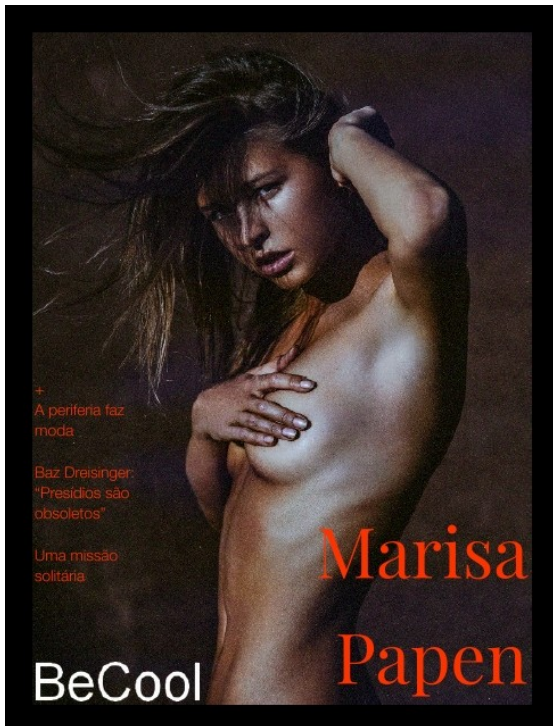
28 | ENSAIO
Marisa Papen

40 | UM GRANDE MAL
ENTENDIDO

A confusão entre amor e
obsessão



facebook.com/RevistaBecool
twitter.com/becoolmagazine
youtube.com/revistabecool
adngui@gmail.com



Que mês foi esse? Um monte de coisa acontecendo, gente sendo presa, gente cassando carteirinha de feminista, gente sendo expulsa do BBB... E depois de tudo isso, finalmente a BECOOL vai ao ar.

A nossa 42ª (sério, já faz muito tempo que tem isso aí. E que faça bem mais!) edição vem com um ensaio bem mais ousado que de costume com a modelo Marisa Papen. As fotos estão lindas e vale a pena parar um pouquinho a overdose de preocupações do mês pra conferir. Temos também uma ótima reflexão sobre a confusão entre amor e obsessão. Leitura obrigatória!

Na linha de matérias sérias, uma matéria sobre o projeto Periferia Inventando Moda, e uma entrevista com a jornalista Baz Dreisinger sobre o sistema de presídios (spoiler: ele está ultrapassado). Tem ainda receitas pra você fazer drinks clássicos, os benefícios da endorfina, o hormônio do prazer, o adeus de Mauren Maggi e a árdua missão de Fabiana Murer nas Olimpíadas do Rio, Camila Pitanga em "Mulheres Que Amamos", uma setlist com músicas pra ficar tranquilo neste momento complicado, o melhor do Twitter, o roteiro dos paulistanos no mês, uma charge e as colunas de Mônica de Souza e Alberto Villas.

Na muvuca de março está no ar a BECOOL 42. Boa leitura e não deixe de curtir nas redes sociais.

NÃO SOU CAPAZ DE OPINAR

Se alguém perguntar por nós no meio da discussão política que floresceu no Brasil com a entrada definitiva de Lula na Lava Jato, essa será a nossa resposta. Só temos opinião sobre o que cobrimos — e nós não cobrimos política, muito menos a Lava Jato.

No mais, se estivermos voltando a 1964, nosso papel será oferecer entretenimento e reflexão sobre comportamento.



Mulheres Que Amamos

CAMILA PITANGA

A morena de cabelos enrolados começou a carreira artística cedo. Filha de atores, seu primeiro papel foi em um filme em 1984, em Quilombo. Ela foi assistente de palco da apresentadora Angélica e estreou aos 16 anos na TV, na série Sex Appeal. Camila também participou da novela Fera Ferida no mesmo ano e, ao longo da carreira, ainda fez parte do elenco das novelas Malhação, Porto dos Milagres, Mulheres Apaixonadas e Belíssima. Mas foi com a personagem Bebel, uma prostituta na novela Paraíso Tropical, que a atriz conseguiu destaque e reconhecimento.

Camila foi até convidada a posar nua na revista Playboy, mas recusou. Se formou em artes cênicas, foi apresentadora do programa musical Som Brasil e fez sua primeira protagonista em 2009, na novela Cama de Gato. Seu último trabalho foi como a Regina de Babilônia e farpa ainda este ano a protagonista Maria Tereza em Velho Chico.

Set List

PRA FICAR TRANQUILO

Aonde foram todas as pessoas boas? Eu venho mudando de canal e não as vejo nos programas de TV. Esse questionamento da música “Good People”, de Jack Johnson, uma música de protesto contra a televisão sensacionalista e manipuladora, veio em nossas cabeças durante a avalanche de notícias ruins das últimas semanas. Se você, assim como nós, está precisando de um fresco disso tudo até a luta continuar, a gente preparou essa setlist só pra você ficar um momento em paz nesses tempos de crise.



5. BRUNO MARS — THE LAZY SONG

Se você acordou com vontade de não fazer nada, essa é a música perfeita pra você. Se você acha que está precisando passar um tempo sem fazer nada, então essa música é pra você também! “The Lazy Song” é um ótimo antídoto à avalanche de coisas pra se pensar e leva nosso quinto lugar.



3. JACK JOHNSON — UPSIDE DOWN

Também uma música tranquilona, “Upside Down” tem a vantagem de trazer consigo uma mensagem positiva e transformadora que todos nós precisamos nesse momento. Além do mais, o clipe com George, O Curioso é uma graça. Medalha de bronze para Jack. O



1. CRIS NICLOTTI — VAI TOMAR NO CU

Quando você manda tomar no cu, a sensação é sempre libertadora. Faça como nosso primeiro lugar e liberte esse desejo de você! Você vai relaxar quase que automaticamente.



4. JASON MRAZ — I'M YOURS

Essa música é da linha tranquilona mesmo, do tipo que se ouve pra sentir boas vibrações. Se você estiver se sentindo mentalmente sobrecarregado, Jason Mraz é quase sempre uma boa pedida. “I’m Yours” fez um grande sucesso com sua batida tranquila e chiclete. Uma boa recomendação para esse momento.



2. BOBBY MCFERRIN — DON'T WORRY BE HAPPY

Se você se preocupa demais, o problema dobra. Essa é a lição que Bobby nos ensina nesse grande clássico do relaxamento universal. Não vale tatuar essa música no braço, hein?



NÃO DEIXE DE OUVIR: UNTITLED UNMASTERED

As sobras de gravação de “To Pimp A Butterfly”, do Kendrick Lamar, deram um ótimo álbum b-side: apaixonado, poético, engajado, descritivo. Está no Spotify.

Roteiro SP



FILME: BATMAN VS SUPERMAN

Após os eventos de O Homem de Aço, Superman (Henry Cavill) divide a opinião da população mundial. Enquanto muitos contam com ele como herói e principal salvador, vários outros não concordam com sua permanência no planeta. Bruce Wayne (Ben Affleck) está do lado dos inimigos de Clark Kent e decide usar sua força de Batman para enfrentá-lo. Enquanto os dois brigam, porém, uma nova ameaça ganha força.



LIVRO: A ÚLTIMA CARTA DO TENENTE

(Planeta, 128 páginas, R\$ 25) Cento e dezoito marinheiros ficaram presos quando um submarino nuclear afundou no mar de Barents, no norte da antiga União Soviética. Houve comoção da opinião pública, desejosa de que fosse constituída uma operação de resgate. Quando os primeiros mergulhadores chegaram à carcaça do submarino, contudo, todos os tripulantes já estavam mortos. Os mergulhadores depararam-se com quatro corpos. No bolso do uniforme de um deles foi encontrada uma carta dedicada a sua esposa. A carta relatava a agonia dos vinte e três tripulantes que permaneceram vivos após o naufrágio do submarino.



CD: KNOW-IT-ALL

(Universal, R\$ 28) Alessia Cara é uma jovem canadense de 19 anos, que por causa de sua voz já foi comparada a Farrah Franklin e Norah Jones. Revelação da música em 2015, ela lança seu primeiro álbum 'Know-It-All'. 'Here' foi primeiro single do álbum e é um verdadeiro hit com mais de 45 milhões de visualizações no seu videoclipe. A música chegou ao Top 10 da Billboard e Top 10 no Shazam. Além disso chegou a 1º lugar no Chart Viral do Spotify.



SHOW: JESUTON

No show, a artista apresenta seu mais recente trabalho, Show Me Your Soul, composto por releituras de clássicos da soul music, como "Easy", "What's Going On", "Part Time Lover" e "I Want You Back". Durante a apresentação, a cantora conta com o apoio do músico Isaac Negrene, da Banda Black Rio. Dia 13 às 18h no SESC Campo Limpo: Rua Nossa Senhora do Bom Conselho, 120 - Chácara Nossa Senhora do Bom Conselho. Entrada Gratuita.



A PERIFERIA



FAZ MODA

O projeto Periferia Inventando Moda
descobre talentos das passarelas em
Paraisópolis.

Por INGRID MATOUKA

“Queremos mostrar para a elite que a gente pode fazer moda também”.



Quando

pequenos,

todos eles sonhavam em estar em uma passarela. Como quase toda criança que sonha e brinca com elementos de alguma profissão, alguns simulavam desfiles e outras situações da carreira de modelo. O grande problema é que nasceram em Paraisópolis, a maior comunidade da cidade São Paulo, onde as oportunidades surgem com muito mais dificuldade.

Agora as coisas começaram a mudar. Entre os mais de 42 mil moradores desse bairro da zona sul paulistana nasceu o Periferia Inventando Moda, um projeto de inclusão social e de democratização da cultura.

A iniciativa, criada por Alex Santos há cerca de dois anos, em parceria com Nilson Mariano, é uma série de workshops para 25 aspirantes a modelos, em aulas que acontecem no CEU Paraisópolis. Eles aprendem a desfilarem, a coordenar postura e expressão e recebem orientações sobre como fazer entrevistas ou como conseguir um desfile sem a ajuda de agências. Contam, também, com suporte psicológico.

“As pessoas olham para a gente com maus olhos, mas aqui [em Paraisópolis] têm muitos talentos escondidos, é só dar oportunidades que eles vão descobrir”, diz Silas Oliveira que, aos 26 anos, busca alcançar seu sonho.

A ideia do projeto surgiu durante um desfile em que instigaram os participantes sobre levar eventos de moda para as periferias.

“Isso ficou na minha cabeça porque eu moro em Paraisópolis há dez anos e estudo moda. Pensei: ‘acho que eu posso fazer isso’”, conta Alex Santos, 25 anos.

O estilista observa que a periferia tem um estilo próprio e cheio de cultura e arte, mas o que as pessoas conhecem sobre essas regiões se limita ao que está na televisão e a estereótipos de violência. “O foco do projeto é ajudar as pessoas que têm coisas pesadas na vida, problemas emocionais, por meio da transformação da autoestima e mostrar que a periferia também tem cultura”.

O diretor executivo do projeto, Nilson Mariano, 36 anos, é psicólogo e trabalha a corporalidade, expressão e autoestima dos modelos. “Você tira uma pessoa de uma situação mais precária que é a realidade da comunidade e coloca ela no protagonismo, ou seja, vai estrear um desfile, em uma passarela. Isso mexe com a confiança e a pessoa se coloca de outra forma”.

Uma das participantes do projeto que sentiu essa transformação de forma intensa foi Sabrina Dias Couto, de 24 anos. Mesmo trabalhando e cuidando de dois filhos pequenos, Sabrina participa das aulas. “A gente tá na rua e pensa que nosso sonho não pode ser realizado, mas aqui encontrei um caminho”.

Dias conta que o Periferia Inventando Moda é um lugar para expressar seus sentimentos de forma saudável e que o projeto a fez querer estudar mais e buscar algo maior na vida. “O que ele fez por mim, e faz pelas pessoas da comunidade, se todo mundo fizesse igual seria muito bom. E eu me emociono porque com ele consegui superar muita coisa na minha vida”, diz.

“Quando eu entro na passarela, me sinto a pessoa mais impor-



tante do mundo, e nem preciso ser Gisele Bündchen, mas só de saber que tem alguém fazendo alguma coisa por mim, de coração, já é o suficiente”.

À procura de patrocinadores, agora Alex e Nilson querem levar pequenos desfiles para outros pontos da São Paulo, recrutando mais modelos de outras periferias e criar mais cursos, como o de autoimagem, estilo, maquiagem, fotografia e cabeleireiro.

A intenção é montar uma equipe de periferia, mostrando que eles podem e têm condições de criar algo próprio. "Queremos levar a cultura de moda da periferia para outros lugares e mostrar para a elite brasileira que a gente está aqui, que a gente existe, que a gente pode fazer moda também, não são só eles". ■

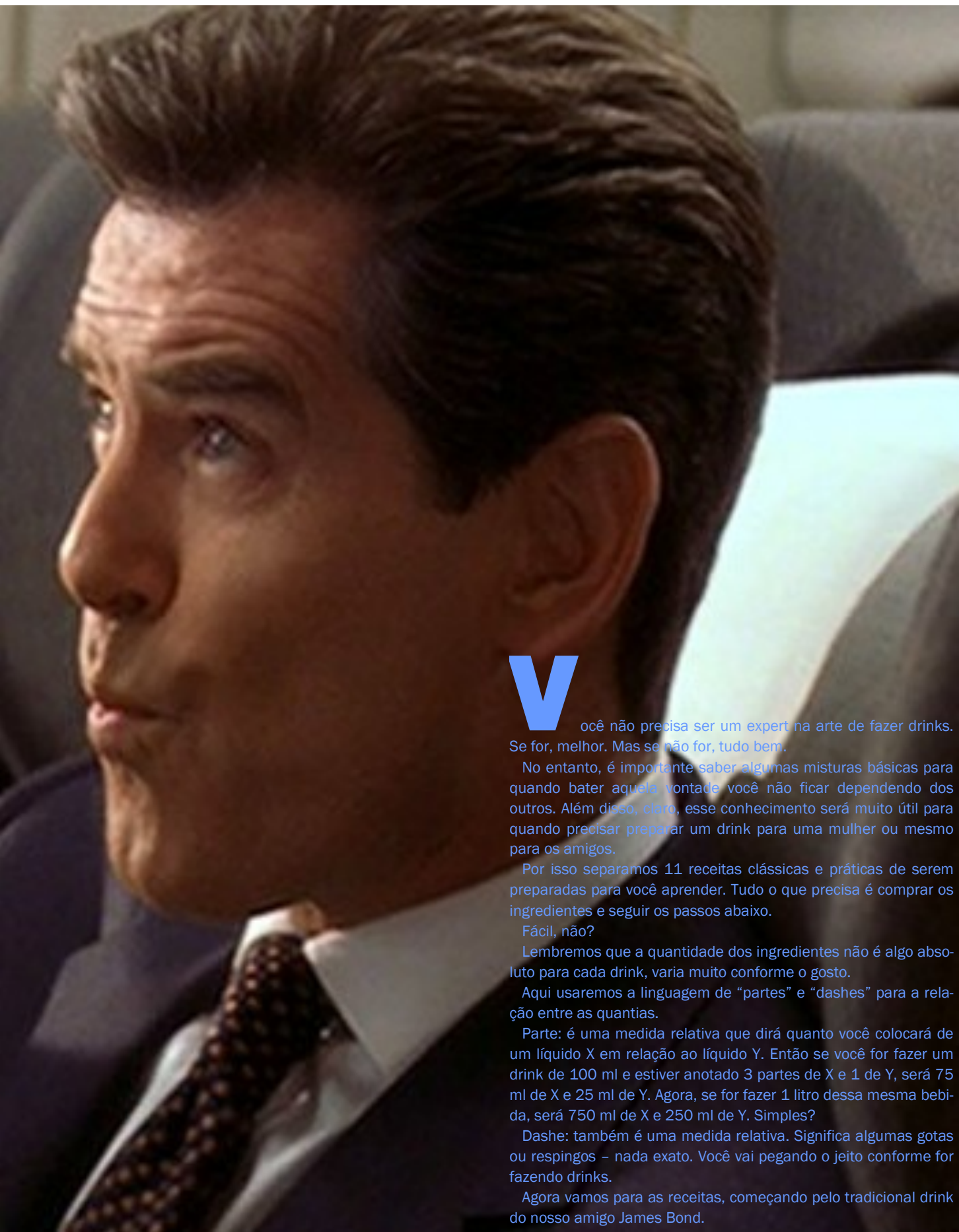


Drinks clássicos pra fazer **em casa**

Tudo que você precisa é comprar os ingredientes e seguir as instruções.

Por THIAGO SIEVERS





V

ocê não precisa ser um expert na arte de fazer drinks. Se for, melhor. Mas se não for, tudo bem.

No entanto, é importante saber algumas misturas básicas para quando bater aquela vontade você não ficar dependendo dos outros. Além disso, claro, esse conhecimento será muito útil para quando precisar preparar um drink para uma mulher ou mesmo para os amigos.

Por isso separamos 11 receitas clássicas e práticas de serem preparadas para você aprender. Tudo o que precisa é comprar os ingredientes e seguir os passos abaixo.

Fácil, não?

Lembremos que a quantidade dos ingredientes não é algo absoluto para cada drink, varia muito conforme o gosto.

Aqui usaremos a linguagem de “partes” e “dashes” para a relação entre as quantias.

Parte: é uma medida relativa que dirá quanto você colocará de um líquido X em relação ao líquido Y. Então se você for fazer um drink de 100 ml e estiver anotado 3 partes de X e 1 de Y, será 75 ml de X e 25 ml de Y. Agora, se for fazer 1 litro dessa mesma bebida, será 750 ml de X e 250 ml de Y. Simples?

Dashe: também é uma medida relativa. Significa algumas gotas ou respingos – nada exato. Você vai pegando o jeito conforme for fazendo drinks.

Agora vamos para as receitas, começando pelo tradicional drink do nosso amigo James Bond.

DRINKS CLÁSSICOS



Dry Martini

- 5 partes de gim
- 1 parte de vermute
- Azeitona sem caroço

Há algumas variações de receita do famoso Dry Martini, mas a básica inclui sempre Gim e Vermute seco. Muitos colocam bitter de laranja junto para dar um toque especial, e tem quem finalize com azeitona e quem finalize com casca de limão. Vai do seu gosto!

Não esqueça de servir numa taça Dry Martini resfriado!

Manhattan

- 2 partes de uísque de centeio
- 1 parte de vermute doce
- 2 dashes de Angostura (ou outro bitter)
- 1 cereja morrasquino

Alguns uísques podem ser usados nesse drink, mas geralmente opta-se pelo de centeio (também pode ser bourbon, blended). Além da cereja, tem que goste de colocar também casca de laranja para adornar.

Sirva num copo Old Fashioned gelado.

Margarita

- 4 partes de tequila prata
- 2 partes de Cointreau
- 1,5 partes de suco de limão
- Sal

O toque peculiar dessa bebida mexicana é o sal na borda. Para isso, você pode molhar a borda da taça com suco de limão e passa-la no sal. Para embelezar, pode colocar uma rodela de limão também na borda. E não esqueça do gelo, ok?

Martinez

- 2 partes de gim
- 1 parte de vermute doce
- 1/4 partes de licor de cereja morrasquino
- 2 dashes de Angostura
- Casca de limão ou laranja

O Martinez não é um Manhattan e nem um Martini. Talvez esteja no meio dos dois. Até por isso sua receita varia bastante. Então vá experimentando até acertar a mão para você.

Daiquiri

- 2 partes de rum branco
- 3/4 partes de suco de limão
- 1 colher de açúcar



Você não precisa
ser um expert em
drinks.

Essa é a receita básica do Daiquiri, que ainda pode ser enfeitada por uma casca de limão na borda. Mas há diversas variações oficiais do Daiquiri. Diversas mesmo. Quando for servir, utilize uma taça resfriada.

Sazerac

- 2 partes de uísque de centeio ou conhaque
- 2 dashes Peychaud's bitters
- 1 dashe de Angostura
- 1/2 parte de absinto
- 1/2 parte de xarope simples
- Casca de limão ou laranja

Espalhe o absinto num copo Old Fashioned. Se der, borrife a bebida na parede interna do copo e deixe o descansar com gelo raspado. Em um misturador, bata todo o resto com gelo. Retire o gelo do copo e derrame a mistura. Para dar um toque final, corte uma casca de limão ou laranja e, antes de colocá-la no drink, esprema-a sobre o copo para dar aquele toque especial.

Bloody Mary

- 2 partes de vodca
- 3 partes de suco de tomate
- 1/4 parte de molho inglês
- 1/4 parte de suco de lima-da-pérsia
- 2 dashes de molho de pimenta
- 1 colher de chá rábano silvestre
- 1 pitada de pimenta preta moída

- 1 pitada de sal
- 1 palito aipo

Esse drink vai ser dosado bem ao seu gosto mesmo. Como leva bastante ingredientes e é bem exótico, as doses servem apenas como referência. É só bater tudo num misturador com gelo, tacar num copo mais alto e enfeitar com o palito de aipo.

Whiskey Sour

- 2 partes de uísque
- 1 parte de suco de limão
- 1 parte de xarope simples

Esse é um drink para fazer para os amigos. Ridiculamente simples, é ótimo para quem curte um uísque, mas não puro. E, se você estiver se sentindo ousado no dia, pode até colocar um pouco de clara de ovo, que faz parte também faz parte de muitas receitas desse drink, e decorar com casca de laranja.

Negroni

- 1 parte de gim
- 1 parte de Campari
- 1 parte de vermute doce
- Casca de laranja

O Negroni é muito simples de preparar. Não precisa ficar medindo as doses porque são todas iguais. Coloque tudo num copo Old Fashioned, acrescente gelo, torça a casca de laranja em cima da bebida e, pronto, é só tomar.

Cosmopolitan

- 2 partes de vodca (pode ser uma com sabor citrus)
- 1 parte de licor de laranja (pode ser Cointreau)
- 3/4 suco de cranberry (se não encontrar, de uva)
- 1/2 suco de limão
- Casca de laranja

Fazer esse drink é fácil: basta adicionar todos os ingredientes numa coqueteleira com gelo e chacoalar. Depois é só despejar a bebida numa taça tipo Dry Martini, espremer uma casca de laranja em cima e colocá-la no drink. Pronto!

Old fashioned

- 2 partes de uísque de centeio ou bourbon
- 2 dashes de bitter (pode ser Angostura)
- 1 colher de açúcar
- 1 cereja
- 1 casca de laranja

Para fazer esse drink você vai colocar o açúcar e o bitter em um copo Old Fashioned resfriado. Depois é só colocar o uísque, um pouco de gelo e jogar a cereja e a casca de laranja. Tem também quem goste de acrescentar um pouco de tônica. Aí vai do gosto. ■

The background of the page is a photograph of a two-story house with grey horizontal siding and white window frames. A black punching bag hangs from a wooden frame in the foreground, slightly out of focus. The title text is overlaid on the upper half of the image.

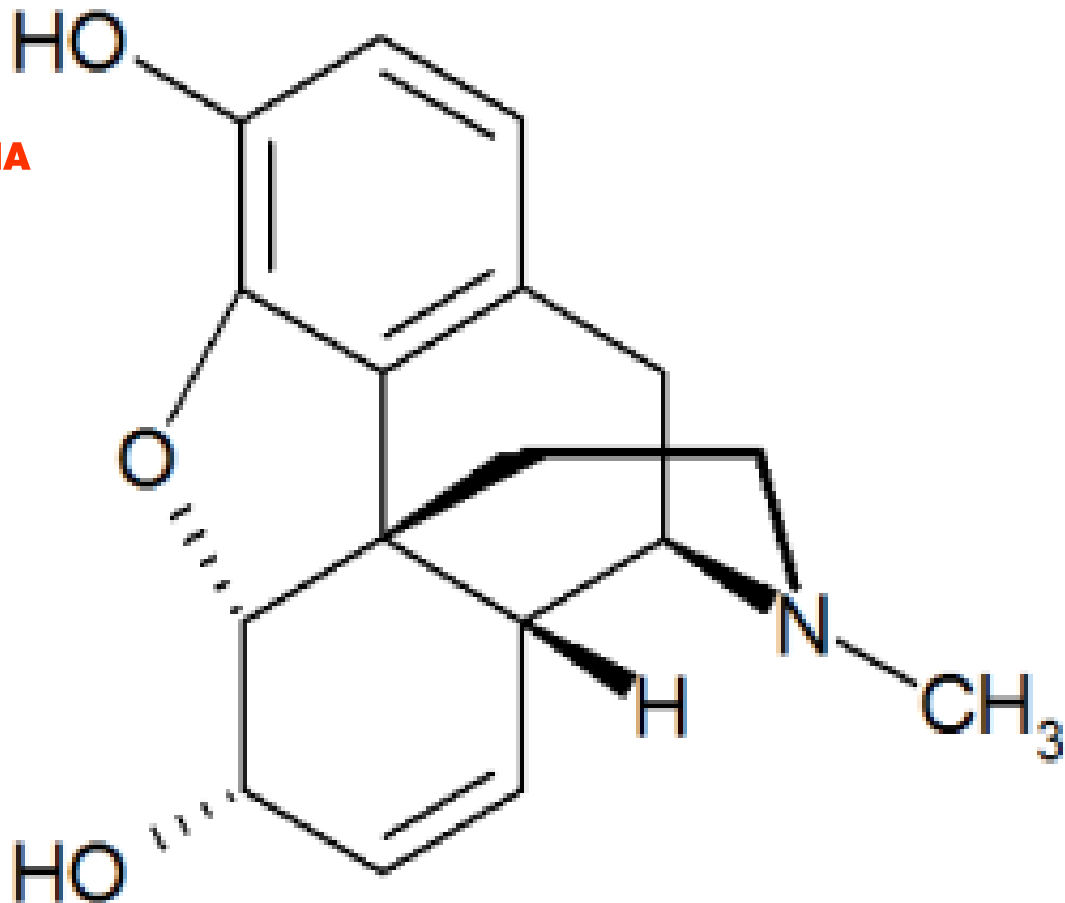
Os benefícios da ENDORFINA

O “Hormônio do prazer” alivia dores, melhora o humor e até ajuda a combater o colesterol.

Por PATRÍCIA VAZ



ENDORFINA



Ministério da Saúde, em uma pesquisa realizada no ano de 2011, constatou que 48,5% da população brasileira estava acima do peso. Dentre eles 52,6% eram homens. Homens jovens e obesos. Assustado com a estatística, caro leitor? Eu também estaria.

A cada dia tornam-se mais freqüentes relatos de amigos de amigos meus que infartaram no auge de seus 30 anos, ou que já aos 26 anos fizeram cirurgia bariátrica. Recentemente conheci um rapaz que perdeu 74 kg após este procedimento. Procedimentos radicais para evitar consequências mortais. O que houve com o velho e bom exercício físico?

Entendo que para que cuidemos do nosso corpo e saúde, uma especial atenção e disposição são necessárias, e que nem sempre é prazerosa a ida à academia. Quase todos os dias nossos sofás parecem mais interessantes e apetitosos que uma esteira. Porém, ao driblar este primeiro obstáculo, o da preguiça, encarar uma atividade física pode nos trazer muitos benefícios ao corpo e a mente.

Para além de um abdômen definido, e ombros de dar inveja, apresentarei o mais curioso e interessante benefício da prática de exercício físico: a produção de endorfina, um neurotransmissor utilizado pelos neurônios na comunicação do sistema nervoso. Ou, como gosto de lhe chamar: o hormônio do prazer.

A endorfina é uma substância produzida por nossos cérebros durante e após uma atividade física, que regula a emoção e a percepção da dor, ajudando a relaxar, gerando sensações de bem estar e prazer. A origem de seu nome vem das palavras “endo” e

“morfina”, que respectivamente significam interno e analgésico.

Como visto na origem de seu nome, a endorfina:

- Alivia dores
- Relaxa o organismo
- Desenvolve a memória
- Melhora o humor
- Aumenta a resistência física e mental
- Enriquece o sistema imunológico
- Tem efeito antienvhecimento
- Aumenta a concentração.
- Ajuda no combate à depressão e ansiedade
- Diminui o estresse e a tensão corporal
- Ajuda a fortalecer músculos
- Regula o intestino
- Baixa o colesterol
- Auxilia na diminuição de dores crônicas
- Controla a pressão sanguínea
- Regula o sono
- Diminui o risco de doenças
- Queima calorias ajudando a perder peso
- Aumenta a autoestima
- Melhora flexibilidade, elasticidade e postura

São diversos os benefícios alcançados na produção desse hormônio, para além de apenas a conquista de um corpo sarado. Ganha-se qualidade corporal, e também mental. Quando bem com nossos corpos, trabalhamos melhor, namoramos melhor, viajamos melhor, temos maior disposição para enfrentar o dia a dia, não adoecemos com freqüência, pensamos e lembramos



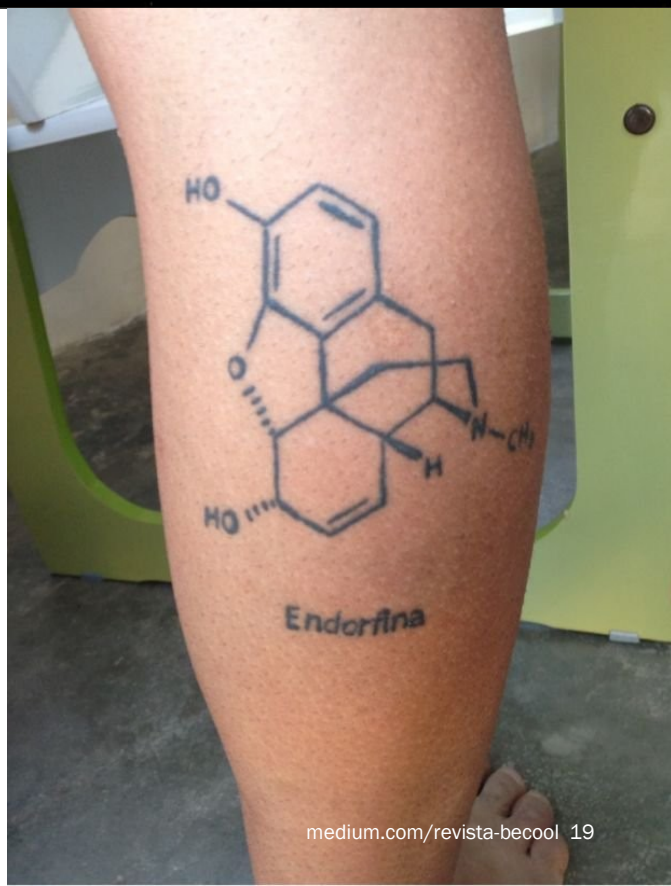
**Quando bem com
nossos corpos,
tudo fica melhor.**

com maior agilidade.

Basta aguentar os primeiros minutos enfadonhos de um exercício, para logo sentir o bem estar causado pela produção de endorfina. Não é preciso correr como um maratonista para usufruir de seus benefícios. Geralmente dez ou quinze minutos de atividade física são suficientes para sentir os primeiros efeitos do hormônio do prazer.

É claro que gosto não se discute: procure pelo exercício que mais se parece com você, homem. O que vale é manter-se motivado. Seja correndo no parque, puxando ferro, nadando, pedalando ou dançando, o exercício físico praticado diariamente garantirá sua forma física e saúde mental.

Ah, outra dica: malhar a dois também vale, viu? Se é que você me entende! ■





UMA MISSÃO SOLITÁRIA

O adeus definitivo de Maurren Maggi coloca nossas esperanças olímpicas em Fabiana Murer. Ela é capaz de pegar o bastão?

Por MARIANA LAJOLO



MISSÃO



Maurren Maggi não salta mais há muito tempo. Mas neste domingo (28), voltou a vestir um uniforme e sujou o pé de areia.

Foi apenas simbólico. Ele já estava aposentada —embora não oficialmente— havia muito tempo. Depois do salto, correu para vestir a camisa polo verde e assumir a nova função à qual se dedica agora. A atleta ficou para trás, ela é comentarista de Globo.

Mas boa parte das pessoas que foram à praça Mauá, no Rio, sob um sol escaldante, queriam ver Maurren, aquela da medalha. Mesmo que fosse para dar um salto de mentirinha. Os mais atrasados, ficaram felizes apenas em vê-la com um fone de ouvido e um microfone da mão.

Entrevistada após seu “salto de despedida”, Maurren disse que seu desejo em 2016 é comentar uma medalha de ouro para o Brasil. Ver da arquibancada o momento que viveu na pista em Pequim-2008.

É um desejo legítimo, mas também um peso grande sobre os ombros de outra atleta que encarou o sol do Rio de Janeiro no domingo.

Oito anos atrás, Maurren não só conquistou o ouro. Colocou

também pela primeira vez as mulheres do Brasil no pódio olímpico. Foram necessárias 20 edições dos Jogos para que isso acontecesse.

Mas aquela conquista não significou uma revolução. Pelo contrário, só evidenciou a dificuldade do atletismo feminino em conseguir resultados de expressão mundial.

Hoje, é só Fabiana Murer quem consegue chegar neste nível e tem chances de repetir o feito. O atletismo em geral passa por uma série crise técnica e não tem obtido bons resultados. Fabiana, vice-campeã mundial, brilha só.

Mas ainda não conseguiu mostrar do que é capaz em Olimpíadas. Nas duas edições que disputou, saiu de mãos abanando, sem poder mostrar seu melhor —em Pequim, suas varas sumiram, em Londres, desistiu de tentar mais saltos por casa do vento.

Recentemente, ela saltou 4,63 m e venceu o Super Salto, evento que contou com competições de salto em distância e com vara. Ainda tentou ultrapassar 4,83 m e quebrar seu recorde sul-americano, mas errou.

O mesmo público que aplaudiu o adeus de Maurren, torceu por Fabiana a cada salto. O bastão já foi passado. ■

**A conquista
de Maurren
não
significou
uma
revolução.**



‘Presídios são obsoletos’

Para a jornalista Baz Dreisinger, que visitou prisões de segurança máxima em todo o mundo, sistema prisional exportado pelos EUA é sinônimo de horror, não de solução.

Por INGRID MATOUKA

Após lecionar no sistema prisional dos Estados Unidos por mais de dez anos e estudar uma dúzia de prisões ao redor do mundo, a jornalista Baz Dreisinger chegou a uma conclusão peremptória: o modelo de prisões mundial foi exportado pelos EUA e não só é ultrapassado como agrava a violência.

Os resultados de seus estudos estão compilados no livro *Incarceration Nations: A Journey to Justice in Prisons Around the World*, publicado em fevereiro deste ano, ainda sem tradução para o português. Nele, Dreisinger examina, dentre outros fatores, os efeitos do encarceramento em massa e as prisões de segurança super-máxima, ou “supermaxes”, em que os presos chegam a ficar isolados 23 horas por dia em suas celas.

Os EUA ensaiam reverter essas políticas, enquanto em outros países, Brasil incluído, elas continuam a vigorar cada vez mais intensamente.





Após as pesquisas, o que constatou sobre a eficiência de prisões de segurança super-máxima, ou “supermaxes”?

Baz Dreisinger: Não acredito em prisões como resposta exclusiva ou primária para o crime, trata-se de um modelo obsoleto. Gosto de pensar que em cem anos vamos enxergar as prisões como uma forma chocante de punição que não trouxe segurança e só causou mais danos à população. Precisamos usar a inteligência contra o crime e não mais violência. Precisamos fazer com que, em primeiro lugar, um indivíduo não vá parar na prisão.

O Brasil foi um dos países que importou o modelo de “supermax” dos EUA. A primeira prisão nestes moldes foi construída em Catanduva, no Paraná, onde a senhora esteve duas vezes entre 2013 e 2014. Como descreveria a situação dos presidiários?

Pura tortura psicológica. O confinamento em solitárias é inacreditavelmente intenso. O que vi e conversei com os prisioneiros é que psicologicamente são torturados por ficarem tantas horas sozinhos por dia, há anos sem ver a família. Isso prejudica a saúde mental deles. Minha visita ao Brasil é um dos capítulos mais sombrios do livro justamente por causa dos horrores do confinamento em solitárias. É perigoso para seres humanos, é cruel.

A senhora diria que reabilitação social reduz a reincidência criminal? Esse tipo de prisão contribui para isso?

Sem dúvidas, mas as “supermaxes” são o extremo oposto da reabilitação, por produzir tensão psicológica, o que leva à produção de mais crimes. A maioria dos presos com quem conversei não tiveram oportunidades de se reabilitar socialmente. Se quisermos fazer isso, precisamos criar espaços saudáveis no qual eles aprendam, cresçam e estejam perto da família.

Qual a origem das prisões de segurança super-máxima e como elas se espalharam pelo mundo?

Os EUA criaram este modelo em 1983 e foi aplicado primeiramente em Marion, Illinois. Em 1994, foi inaugurada a ADX Florence no Colorado, prisão que representa o auge das “supermaxes”, na qual um homem ficou 32 anos confinado, praticamente sem contato humano.

A forma como o modelo foi reproduzido por outros países ainda precisa ser estudada, mas não difere muito de como outras táticas de correção se propagam, com grupos visitando outros países para conhecer suas políticas. E, influentes, as práticas americanas têm uma tendência a se alastrar rapidamente.

O Brasil também importou dos EUA o modelo de encarceramento em massa. Nosso País é responsável pela quarta maior população prisional do mundo. Por que muitos governos defendem essa prática?

Há dois motivos principais. O primeiro: há um senso de que como usamos essa tática há décadas, ela deve continuar a ser usada e de forma cada vez mais intensa, ao invés de pensarmos em outras soluções.



“Precisamos usar a inteligência e não mais violência”.

O segundo: falar sobre combater o crime “com todas as forças” e prender todo mundo é uma política pública popular, fácil de vender para o público como solução imediata para melhorar a segurança.

Acobertam-se os fatos sobre não haver correlação entre o encarceramento em massa e a redução da criminalidade. A consequência é que devastamos comunidades, destruímos famílias e afetamos desproporcionalmente minorias, pois pobres e negros são os principais alvos.

Nos EUA, Barack Obama tem reduzido os confinamentos em solitárias, e tanto os Democratas quanto os Republicanos questionam o encarceramento em massa. O que tem motivado essa discussão?

A discussão sobre a reforma penitenciária tem sido mais popular do que jamais imaginamos. Gostaria de dizer que a motivação é uma genuína preocupação com o racismo, a desigualdade e a morosidade da Justiça, mas o motivo é mais econômico. Há uma percepção de que as prisões custam caro e não podem continuar a crescer.

Preocupa que o argumento seja meramente financeiro, pois podem achar outro meio de fazer algo na mesma linha, de forma mais barata e fácil, sem debater a ética, igualdade e o legado destas questões.

No caso brasileiro, 27% de nossos prisioneiros está ligada ao tráfico de entorpecentes. É possível estabelecer uma relação entre encarceramento em massa e a “guerra às drogas”?

O encarceramento em massa está diretamente ligado à “guerra

às drogas”, é algo que de forma deliberada instituíram como solução, mas que nunca reduziu a violência.

Mais uma vez, só atinge desproporcionalmente certas minorias e, globalmente, os EUA também exportaram a “guerra às drogas” para outros países que, em resposta, endureceram suas políticas contra o narcotráfico e o consumo. Não podemos pensar as práticas americanas em um vácuo, porque elas podem reverberar pelo mundo todo.

Os brasileiros agora estão discutindo a redução da maioridade penal. Você tem uma opinião sobre isso?

Dezoito é uma idade extremamente vulnerável. Nova Iorque é um dos dois estados que pode julgar jovens de dezesseis anos como adultos, e vi em primeira mão o horror que causa colocar um jovem em uma prisão para adultos. Eles se tornam mais violentos. É preciso levar em conta, além de tudo, que os jovens nessa idade ainda não estão funcionando com a mesma capacidade cerebral que os adultos. A maioridade penal não deveria ser reduzida em lugar algum.

Quais podem ser algumas alternativas às “supermaxes”?

Há estudos sobre sistemas menores que podem colocar presos que estão causando problemas em unidades especiais, com reabilitação extra e mais controle sobre seu entorno.

Tem um exemplo desses no Reino Unido, em que prisioneiros mais perigosos têm recebido mais controle sobre sua agenda, sobre seu entorno. Isso reabilitou esses presos melhor do que quando estavam isolados e sem acesso a programas e oportunidades. ■





Marisa Papen

treats!



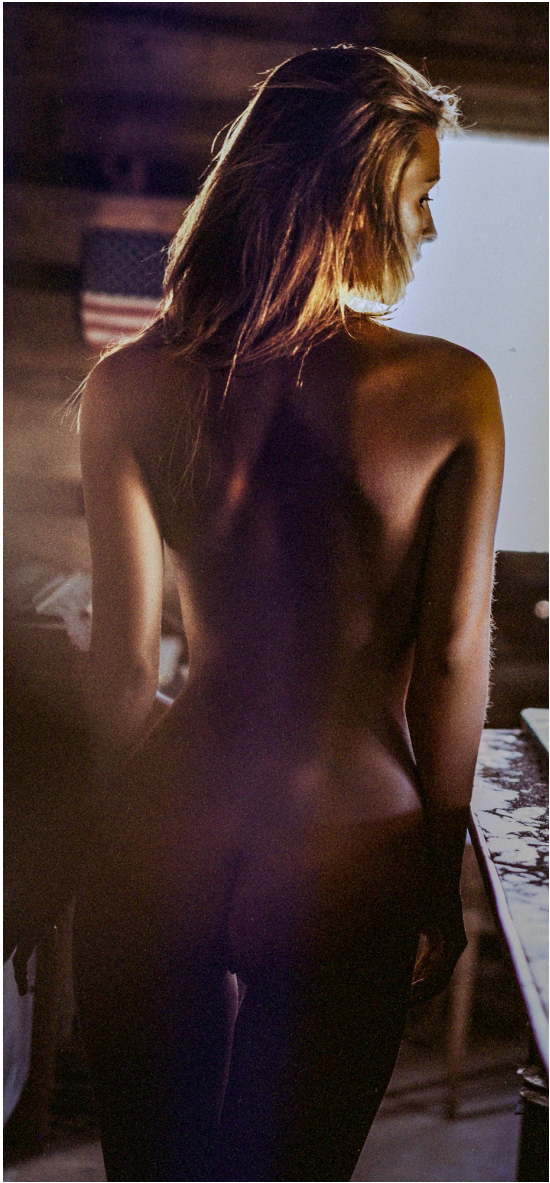




















UM GRANDE MAL ENTENDIDO

Sobre “Star Wars”, Anakin Skywalker e a confusão entre amor e obsessão.

Por THIAGO SIEVERS



MAL-ENTENDIDO



Aproveitei o lançamento de O Despertar da Força para fazer algo que deveria ter feito há muito tempo: assistir os seis filmes de Star Wars. Assisti e, como muitos, fiquei intrigado com uma coisa em específico: o amor de Anakin por Padmé. Ou melhor, a obsessão.

O Jedi não amou Padmé nem aqui e nem numa galáxia muito distante. Não, senhores! Longe disso. Muito longe. Tão longe que foi esse suposto amor que o levou ao lado negro da Força.

E o que mais intriga é que a relação travada pelos dois é apenas um espelho do que acontece em nossas vidas corriqueiramente.

É normal: as pessoas declaram amor aos seus parceiros! Lindo. O problema é quando a declaração não condiz com as atitudes. E isso acontece com tanta frequência que temo que o amor tem sido vítima de um grande mal-entendido.

“Apego é proibido. Possessão é proibido. Compaixão, que eu definiria como amor incondicional, é essencial para a vida de um Jedi. Então podemos dizer que somos encorajados a amar.” Foi o que disse certa vez um jovem padawan para a senadora de Naboo.

Mas ele não foi tão profundo nesse conhecimento quanto foi na busca pela imortalidade. Como muitos de nós, Anakin se entregou às suas paixões e ignorou que esse não é o caminho do amor.

Ele ficou tão obcecado pelos próprios desejos que chegou a dizer à Padmé, após ouvi-la declarar que tudo o que queria era seu amor, que esse amor não a salvaria, “somente meus novos poderes podem fazer isso.”

Bem, parece que ele se equivocou.

Amar é, antes de tudo, respeitar – coisa que o bonitão certamente não fez. Saber lidar com as diferenças, amparar nas difi-

culdades, aceitar imperfeições – o que, por direito, todos nós queremos e, por dever, todos devemos dar.

Entre tantas sacadas geniais, Star Wars vem nos alertar algo muito importante: talvez ela não te ame tanto assim. Ou talvez você não a ame tanto assim. Vai saber.

O amor foi tão banalizado que se você não responder um “eu te amo” com outro “eu te amo” fodeu. Não estou sugerindo que você seja cara de pau como Han Solo, mas essa obrigação não deveria existir.

Talvez o amor incondicional idealizado por Anakin ainda não esteja ao alcance de seres privados de habilidades jedis, mas podemos muito bem amarmo-nos dentro das possibilidades humanas – o que, de forma alguma, tira a grandeza do nobre sentimento.

Agora, por favor, não confunda apego e obsessão com amor. Esse equívoco tem aruinado os relacionamentos.

Por isso resolvi listar algumas atitudes que se fazem parte do seu relacionamento significa que o amor está passando bem distante de sua porta.

Veja aí e nos diga se faltou alguma.

Controlar as ações

Querer comandar todos os passos do parceiro não é sinônimo de carinho. Às vezes as pessoas usam essa desculpa para monitorar cada ação da vida do cônjuge. Bullshit!

Querer saber demais

Aqui ainda estamos no campo do controle. Talvez a pessoa até permita que você tenha lá sua liberdade – mas a troca de relacionar a ela cada momento relevante de seu dia a fim de que possa sofrer grave inspeção. Cuidado, às vezes essa situação não fica tão clara assim, mas já acontece há algum tempo.

Se você não responder um “eu te amo” com outro, fodeu.



Ter ciúmes em alta dose

Ok, ciúmes é compreensível em nossas condições humanas – mas altas doses do sentimento não! Se a pessoa não te deixa conversar com alguém do outro sexo é melhor abrir seus olhos. E se ela faz acreditar que tem que ser assim mesmo, hum...

Manter contato a todo instante

Uma hora sem dar sinal de vida – nem que seja um emoticon carinhoso pelo zapzap – e o relacionamento já está em vias de ruir? Há algo de errado aí...

Fazer todos os programas juntos

Pessoas apaixonadas querem ficar juntas. Isso é fato. Mas se agarrar ao parceiro a ponto de não deixá-lo fazer nada sem sua companhia é sacanagem. E não venha com o papo de que é por-

que há tanto amor que não se quer desgrudar. Isso está com cheiro de obsessão...

Mudar o gosto pessoal do parceiro

Gosta-se de uma pessoa do jeito que ela é. Se começa a querer mudar o jeito de vestir, o gosto alimentar, o gênero de filme, as opiniões, então não ama-se quem o parceiro verdadeiramente é.

Não aceitar ser contrariado

Não há manifestação mais oposta ao amor do que a intolerância. Se a pessoa com quem você se relaciona fecha a cara na primeira demonstração que você faz de discordar dela, então é melhor procurar outros braços – caso você queira mesmo ser amado. ■

Spoiler alert



Um perfil no Twitter ia comentar a situação política do país, mas desistiu de última hora. É que ela tinha lembrado de "House of Cards" e o comentário tinha a ver com a quarta temporada da série. Como muita gente ainda não terminou a temporada, o tempo de intolerância a spoiler não havia passado.

Limitou-se a dizer que pensou no comentário, mas que não o diria pra não estragar a diversão da garotada que se diverte vendo o detestável Frank Underwood fazer das dele. Evitou o spoiler. Ufa!

Desde que uma pessoa teve a mirabolante (?) ideia de colocar no ar, quase que simultaneamente, todos os episódios de uma série para as pessoas decidirem como querem assistir, temos sofrido com o descompasso entre pessoas que assistem vários

episódios num dia, toda uma temporada num dia, alguns episódios num dia, um episódio por dia ou o jurássico um episódio por semana. Esse descompasso está na origem desse grande mal moderno: o spoiler.

O spoiler faz com que a gente deteste pessoas, desfaça amizades e destile ainda mais ódio nas redes sociais tomadas pelo radicalismo político. Tá, exagerei. Mas não é exagero que o spoiler deixa as pessoas irritadas. Até demais.

Demais? Não tem nada de engraçado nesses canalhas jogando pras pessoas o final das séries que elas estão assistindo. Imagina se eu vou contar pra vocês que o Frank... Brincadeirinha! Eu ainda não vi a quarta temporada porque ainda estou terminando "Love" (to achando chato. Me julguem!).

Contar o final de uma série é como contar um truque de mágica: estraga a surpresa. O contador de spoilers é a versão moderna do Mister M. Pra você que é jovem demais pra se lembrar (o que significaria que estou velha), Mister M era o mágico mascarado que contava os segredos por trás de grandes truques da mágica mundial. Diz a lenda que os outros mágicos o detestavam. Eu, pelo menos, conheci um mágico que o detestava muito. Mas ele fazia sucesso, claro. Não dá pra resistir a um spoiler alert...

Um Mister M moderno seria bem atrativo pra um programa dominical. Ele apareceria com uma máscara, com a qual protegeria sua identidade da Netflix, e contaria os segredos por trás de todas as séries. O que você tem hoje, Mister M? Final de "Breaking Bad"? Walter White... Vocês sabem...

Pensando bem, o ódio que os mágicos tinham por Mister M é pouco comparado ao ódio que nutrimos por quem compartilha spoiler. Porque descobrir o truque de uma mágica não faz ninguém deixar de ver mágica (com outros truques, claro), mas compartilhar um spoiler te tira o tesão pra ver uma série. Que diferença faz se eu já sei o final?

Uma pessoa sugeriu uma solução: parar de soltar os episódios todos de uma vez e passar a soltar um por dia. Assim, todo mundo poderia assistir um episódio por dia e seríamos livres para conversar sobre eles. Mas será que isso não estraga a experiência de quem faz maratona?

E será que se calar ao comparar Frank Underwood com a política brasileira não é um problema enorme causado pelo risco de spoilers? Ou, quem sabe, pela "patrulha" de prevenção ao spoiler? Enquanto a gente não chega num meio termo em que podemos conversar sobre o que assistimos sem estragar o que as pessoas assistem, a gente só agradece que o perfil do Twitter não estragou "House of Cards".

Mas ainda é cedo pra falar que haverá spoiler. Afinal, ninguém sabe o que o Mister M está preparando.

PS: Danilo Gentili jogou no PT a culpa por acharmos suas piadas ruins e ofensivas sem necessidade. É tão fácil que chega a ser covarde: o PT está muito desgastado e ninguém quer ficar perto dele. Mas tem uma diferença grande entre evitar preconceitos e servir aos poderosos. Até porque os segundos gostam muito de um preconceito...

Lovely Rita



Sempre sonhei em ter uma filha chamada Rita. Tive quatro filhos, um homem e três mulheres, nenhuma Rita. Coisas da vida. Gosto do nome desde que ouvi pela primeira vez, Chico Buarque, pouco mais que menino, cantando A Rita, numa televisão em preto e branco, na casa do vizinho.

Depois foi Rita Lee cantando Panis et Circences no Colégio de Aplicação, onde eu estudava. Gosto do nome desde que ouvi os Beatles cantando Lovely Rita, a terceira faixa do lado b do Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band, num disco ainda de vinil.

O tempo passou e hoje ainda convivo com cinco Ritas. Uma é a Lisauskas, uma espirituosa amiga do Face. Ela escreve coisas assim: "Olá, Susan Miller, boa tarde. Você disse que fevereiro seria o mês mais incrível da década para sagitário, inesquecível e unbeliveable, coisa e tal. Sei que hoje é apenas (cof, cof) dia 26, mas, né? Cadê? Obrigada. De nada".

A outra é ainda a do Chico, aquela que levou meu sorriso no sorriso dela, meu assunto, levou junto com ela o que me é direito E arrancou-me do peito e tem mais. Levou seu retrato, seu trapo, seu prato, que papel! Uma imagem de São Francisco e um bom disco de Noel.

A terceira, continua sendo a Lee, a eterna ovelha negra da família. Vira e mexe, coloco aqui pra tocar Papai me empresta o carro, Ando meio desligado, Lança-Perfume, Vamos tratar da saúde e outras coisas mais.

A quarta é a adorável Rita, de Lennon e McCartney, aquela poli-

cial que nunca veio tomar um chá comigo.

Mas tem uma quinta e é dela que vou falar hoje. A Lobo.

Na minha casa, quando eu era criança, tinha apenas dois livros de culinária. Um era o Dona Benta, o livro tradicional da cozinha brasileira e o outro, um livro chamado Bolos Maravilhosos. O Dona Benta era a Bíblia da minha mãe, a rainha do camarão ensoquinho com chuchu. O outro era apenas para decorar a estante. Era um livro com fotos de bolos realmente maravilhosos, mas impossíveis de fazer numa casa tão classe média. Eram aqueles bolos de noiva de dois, três, quatro andares.

A Rita Lobo que vim aqui falar é uma chef de cozinha que conheci numa tarde de verão, quando ela chegou toda tímida na minha sala, na redação do Fantástico, lá no Morumbi. Ela entrou muito quietinha, acanhada mesmo mas, aos poucos, foi se soltando.

Ela tinha um projeto na cabeça que gostei de cara. Queria fazer um quadro dentro do programa, com receitas feitas apenas com os produtos da cesta básica. Achei o máximo. A culinária estava engatinhando na televisão e, talvez por isso, a diretoria, pisando em ovos, disse não.

Fiquei frustrado e Rita também, certamente.

Foi a partir desse dia que virei fã de carteirinha da Rita Lobo. Comprei o livro Cozinha de Estar e uma simples salada de lentilhas foi o primeiro prato que fiz, receita dela. Aqui em casa, temos uma pequena biblioteca na cozinha e os livros da Rita Lobo ganharam um destaque especial.

Temos todos. Além do Cozinha de Estar, já meio velhinho, temos A conversa chegou à cozinha, Cozinha Prática e o Panelinha, nosso livro de cabeceira.

Do Panelinha, já fizemos mil receitas. Batata gratinada, risoto de funghi, abóbora assada, tirinhas de frango oriental com acelga e broto de feijão e muito mais. O tempo foi passando e Rita Lobo começou a fazer um sucesso danado. Guardo aqui nos meus arquivos, até mesmo um suplemento de cor salmão chamado Outlook, que ela foi capa.

Na televisão, não perdemos um programa dela. Rita é a melhor de todas, a que mais gostamos, a mais simpática, a mais prática, a mais pé no chão. E me desculpem as outras chefs de cozinha, a Rita Lobo é a mais bonita. Eu não trocaria uma Rita Lobo por nada, nem mesmo por uma bela Bela Gil.

Foi ela quem me ensinou a fazer muita coisa, todas elas deliciosas. Até mojito, tão fácil de fazer, foi Rita quem me ensinou o passo a passo.

A última receita dela que fizemos aqui em casa foi no domingo passado, um fettuccini com escarola. Em princípio, achamos a mistura meio estranha mas fomos à luta. Ficou delicioso, porque não esquecemos nem mesmo as raspinhas de parmeão e de limão siciliano por cima, que ela sugeriu.

Só lamento a gente nunca ter trabalhado juntos, eu e a Rita. Gostaria, nem que fosse apenas colocando no ar, domingo à noite, a receita daquela marmitta do Adoniran, arroz com feijão e um torresmo à milanesa. Mas fazer o quê? São coisas da vida, do show da vida.

CHARGE



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: CartaCapital, El Hombre, Esporte Final, Revista Treats, Adorocinema, Livraria da Folha, Livraria Saraiva e Guia da Semana.

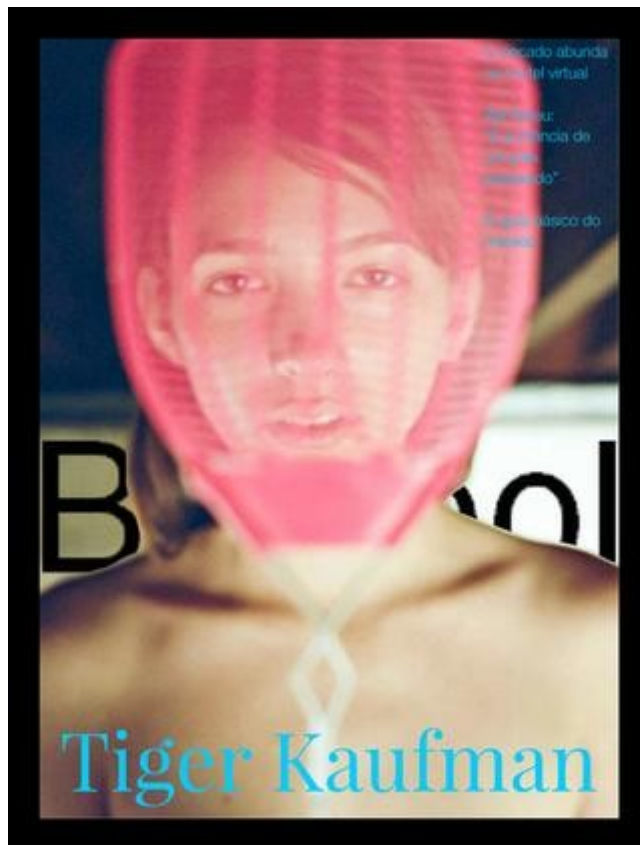
MAIS
+

REVISTAS

BECool é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

LEIA TAMBÉM



SIGA-NOS

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

youtube.com/revistabecool

BeCool

3

ANOS